

SALA DE AULA: EVOLUÇÃO NA CONTINUIDADE OU A ALTERAÇÃO DO PARADIGMA ESCOLAR?

O excessivo e quase obsceno ritmo a que as sociedades ocidentais se submeteram limita, inevitavelmente, a capacidade para encontrar espaço e tempo de reflexão. Esta conjuntura que, artificialmente aparenta um sentido de emergência, tem vindo a estabelecer-se como uma forma de estar generalizada. Se, primeiramente, a razão profissional se institui como o álibi para a aceleração, na verdade esta estende-se a todas as dimensões da vida e da sociedade, carregando os contextos familiares, afetivos e lúdicos naquele frenesim de velocidade aparentemente impreterível e, eventualmente, incontrolável.

Neste contexto, a arquitetura empresta, seguramente, um desempenho e uma responsabilidade que, a partir da especificidade do seu campo disciplinar, condiciona, interfere ou determina certos comportamentos e hábitos, contribuindo decisivamente na cultura do habitar e da socialização.

Este compromisso da arquitetura no desenvolvimento pessoal está patente na vivência das escolas: a utilização universal do espaço escolar no decurso do período mais singular do crescimento permite moldar comportamentos e fomentar as mais diversas idiossincrasias, tornando a arquitetura responsável na consolidação de hábitos, identidades e culturas.

Além disso, na especificidade da relação com os modelos pedagógicos, em diferentes momentos, a arquitetura assumiu o protagonismo alimentado pela crença da sua capacidade transformadora, no entanto, constatou-se uma inconsequência daquelas expetativas. A escola projetada em 1965 pela equipa coordenada pela arq.^a Maria do Carmo Matos, fundamentada pelo conceito de espaços abertos, não perdurou, tendo sido apenas contruída uma escola, em Mem Martins. Afinal, a resistência dos principais atores à transformação determinou, aprioristicamente, um sentido de insucesso, induzido pela negação dos ideais que assentavam na (quase) eliminação dos limites físicos da sala de aula tradicional. Apesar desta circunstância, a mesma equipa viria a conceber o Projeto P3,



Figura 1. Laboratório no Liceu Garcia de Orta, Porto (anos 70), Secretaria-Geral da Educação e Ciência

também conhecido como escolas de áreas abertas, tendo sido construídas cerca de 370 escolas no país. Propondo soluções espaciais inovadoras, afirmam uma ambição que defende, a partir da conformação espacial diferenciada, o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem menos convencionais.

É neste sentido que, no cenário dos edifícios públicos, o espaço da sala de aula se apresenta como um dos lugares mais estagnados no tempo, resiliente à mudança e conservadores dos padrões de soluções recorrentes onde, naturalmente, se inscrevem evoluções mais ou menos circunstanciais.

A leitura de vários exemplos torna inevitável reconhecer uma imagem conformada por um espaço retangular, orientado unidireccionalmente para o lado onde se ensina, sendo ocupado por uma secretária e um quadro. O espaço, preenchido com uma sequência de mesas e respetivas cadeiras, confronta a parede partilhada com o espaço de circulação, onde se implanta a porta de entrada, com a outra, oposta, onde se explora a relação com o espaço exterior. A morfologia tende a ser retangular, embora com dimensões próximas, e a área não diverge significativamente dos 50 m², definindo o estereotipo da sala de aula.



Independentemente do modelo de ensino praticado, a sala de aula assegura a condição de célula do organismo escolar. A sua repetição estrutura a essência do ser escola, sendo que as alterações na sua morfologia, na articulação com as outras salas ou com os sistemas de circulação, determinariam uma transformação integral do espaço escolar.

Naturalmente que, ao longo da história do edifício escolar em Portugal, foram ocorrendo alterações. Seja na discreta, mas significativa abolição do estrado hierarquizador e distanciador das relações interpessoais, seja pela anulação da separação de géneros, ou mesmo pelas medidas que impuseram a massificação da frequência escolar, as salas foram evoluindo sem colocar em causa (ou em crise), a sua natureza essencial.

Mesmo na recente intervenção de reabilitação da arquitetura escolar, levada a cabo pela Parque Escolar, torna-se reconhecível a incorporação de fatores que, desde o conforto térmico e ventilação, à iluminação, à estética, à segurança, às infraestruturas tecnológicas, às redes de internet, até ao mobiliário escolar, afirmam um desígnio de inovação.

No entanto, a ambição potenciava um patamar superior que, para além das condições referidas, possibilitava uma efetiva utilização polivalente e multifacetada que, eventualmente, apenas se verifica com maior concretização na especialização destinada às atividades laboratoriais, oficinais, informáticas, de expressões e

Figura 2. Sala de aula normal na escola secundária Garcia de Orta, Porto (2011), André Santos

desenho. Ao contrário dos espaços como o refeitório ou a biblioteca (momentos especiais do conjunto escolar com maior facilidade de reformulação), as salas de aula persistem na mesma conformação espacial e no mesmo uso, pois a incorporação dos sistemas tecnológicos não foi suficiente para os revogar.

Assim, é consensual o entendimento que, desde as primeiras escolas primárias, até às atuais e modernizadas escolas secundárias, é possível defender a sala de aula enquanto paradigma da estabilidade comportamental, organizacional e espacial. No entanto, esta condição de permanência e de constância, é aparentemente dissonante das profundas transformações sociais que a população estudantil experiencia na era contemporânea. De algum modo o sinal positivo que a estabilidade da sala proporciona enquanto afirmante de segurança, contrasta com uma certa incapacidade de se adaptar a formas de estar que se distanciaram demasiado rápido de vivências anteriores. Esta condição (aparentemente contraditória) da sala de aula também nos sugere a capacidade de pararmos, e que, sem deixarmos de incorporar a consciência da história e do passado, aventuremos perspetivar cenários, hipóteses ou simplesmente expectativas que tornem possível equacionar a sala de aula, e a sua arquitetura, sem preconceito ou compromisso com as soluções que têm assinalado a recorrência de um modelo praticamente inalterado há mais de um século.

Efetivamente, assistimos a uma profunda relutância à transfiguração da sala de aula, onde persistem as suas características basilares e se mantêm as mesmas práticas de utilização, quando, perante a conjuntura atual, se torna cada vez mais oportuna uma reflexão capaz de atender às mudanças, necessidades e exigências da sociedade contemporânea. O espaço que melhor sustenta o processo de ensino-aprendizagem é também aquele que melhor se dispõe a uma reflexão conjunta daqueles que nele atuam, sejam as novas e esperanças das gerações que ali se formam, sejam os que aí consolidaram a experiência do professorado. E para que tudo possa acontecer, será determinante que os diferentes atores assumam a consciência e a responsabilidade dos seus direitos e deveres de participação ativa.